
As prostitutas dos Becos de Goiás

Omar da Silva Lima



Resumo

José Fernandes (1992, p. 177) ressalta que o cerne da obra da escritora Cora Coralina (Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas) consiste na “contemplação da grandeza do mundo e a fusão com seus elementos primordiais, dentro dos movimentos cósmicos e telúricos”, os quais conduzem “a contemplação da pequenez do outro, pois, a imensidão leva o poeta ao devaneio e à solidariedade”. Esta pode ser considerada uma síntese da obra coralineana, a qual tem sido objeto de vários estudos. Por este último viés é que foco este trabalho nas mulheres coralineanas excluídas naquela velha Villa Boa de Goyaz, sendo privilegiadas aqui, dentre outras, as prostitutas Miquita, Zóio de Prata e Dondoca (retratadas em contos) e outras cujas referências estão em poemas. Assim, inseridas em obras altamente referenciais, estas personagens marginalizadas levam o leitor à reflexão e a olhar de forma mais atenta à problemática vivenciada por elas principalmente em relação à violência física e psicológica sofrida por elas. Entretanto, “todos os sistemas sociais são vulneráveis em suas margens e [...] todas as margens, em função disso, são consideradas perigosas”. (DOUGLAS apud BUTLER, 2003, p. 189).

Palavras-chave: Cora Coralina. Gênero. Mulheres marginalizadas. Prostitutas. Violência.

1. Introdução

Vários fatores colaboram para que a mulher se prostitua, dentre eles, a pobreza, a qual é a situação econômica de todas as prostitutas retratadas na lírica e na prosa de Cora Coralina. Se antes, elas tinham um lugar específico para exercer a profissão, denominado de baixo meretrício ou zona e afastado da “sociedade”, hoje, apesar de ainda existirem estes locais, em cidadezinhas, as prostitutas circulam no meio social normalmente, embora acredite que o espaço para as prostitutas pobres continua sendo demarcado e estigmatizado. Muitas são sofisticadas e *glamourosas* e trabalham em casas de luxo, enquanto outras fazem “ponto” em ruas das cidades. Na

obra coralínea, elas circulam pelos becos sujos de Goiás, onde moça de família não passa. Entretanto, seja qual for o local de trabalho, não estão livres dos atos de violências humanas (humilhações físicas e psicológicas), podendo até ser brutalmente assassinadas por um de seus clientes.

Segundo Maria Ilidiana Diniz (2008, p. 1),

A degradação da moral atribuída às prostitutas, por suas práticas, vem ressaltar uma espécie de “sexualidade criminosa”, marca que cotidianamente fortalece a marginalização desse segmento, validado pela sociedade e materializado no domínio dos homens sobre essas mulheres, expressas na apropriação dos corpos, para atender às suas necessidades sexuais.

É o que se constata nos poemas “Mulher da vida” e “Becos de Goiás”, ambos da obra *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, e nos contos “Miquita” e “Minga, zóio de prata”, da obra *Estórias da casa velha da ponte*, onde a voz de Cora Coralina se levanta na defesa das prostitutas, a principal ex-cêntrica com que Cora mais se solidariza.

2. Conhecendo as “mulheres da vida”, ervas cativas nos caminhos de Cora Coralina

Em “Mulher da vida” (PBGEM¹, p. 203-206), poema escrito em “contribuição para o Ano Internacional da Mulher - 1975”, a poeta lembra que as prostitutas sempre existiram na história da humanidade. Embora seja “De todos os tempos. / De todos os povos”, não são respeitadas na sociedade, sendo denominadas por apelidos pejorativos como “Mulher da zona, / Mulher da rua, / Mulher perdida, / Mulher à-toa”. Além dessas humilhações psicológicas, ela denuncia o descaso público e social em relação a elas, pois “Nenhum direito lhes assiste. / Nenhum estatuto ou norma as protege” àquela época. Mas mostra que as prostitutas superam todos os maus tratos

¹ PBGEM = *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*.

e “Sobrevivem como a erva cativa dos caminhos”, que são “pisadas”, entretanto “renascidas”. Ao substituir “erva daninha” por “erva cativa”, metaforicamente a poeta reabilita as prostitutas e simultaneamente aponta para a condição delas: cativas, prisioneiras dos preconceitos e descasos sociais.

O que leva uma mulher a se prostituir? Para Simone de Beauvoir (1975, vol. 2, p. 324) “é ingênuo perguntar que motivos levam a mulher à prostituição [...]. Na verdade, em mundo atormentado pela miséria e pela falta de trabalho [...], enquanto houver [...] prostituição, haverá [...] prostitutas”. Assim como a autora de *O segundo sexo*, Cora Coralina identifica a miséria e a pobreza como causas da prostituição: “Flor sombria, sementeira espinhal / gerada nos viveiros da miséria, / da pobreza e do abandono, / enraizada em todos os quadrantes / da Terra.” (PBGEM, p. 204)

Ainda no poema “Mulher da vida”, há o refrão: “Mulher da Vida, / Minha irmã”. Esse refrão ratifica o que a poeta disse metaforicamente ao chamá-la de “erva cativa”, de “flor sombria” e confirma sua compreensão e respeito para com essa classe de mulher. Ao se referir à prostituta, carinhosamente, como “Minha irmã”, Cora demonstra não ter preconceito contra a prostituta. Não poderia agir de outra forma com ela, pois se nem Jesus a condena, como mostra o recorte bíblico que a poeta faz no poema em estudo: “Declarou-lhes Jesus: ‘Em verdade vos digo que publicanos / e meretrizes vos precedem no Reino de Deus’, / Evangelho de São Mateus 21, ver. 31.” (PBGEM, p. 206). Com esta citação bíblica, a poeta termina o poema. Para ela, se a igualdade entre todos os seres humanos não acontece no plano social, a mesma ocorrerá no espiritual. Só mesmo dessa forma a prostituta será vista não como objeto, mas como pessoa.

No poema “Becos de Goiás” (PBGEM, p. 103-106), a poeta traça um panorama dos encantos, desencantos e assombrações dos becos de Goiás: “Conto a estória dos becos, / dos becos da minha terra, / suspeitos... mal afamados / onde família de conceito não passava. / ‘Lugar de gatinha’ – diziam, virando a cara.” (p. 104). Os

encantos estão ligados à natureza – à “réstia de sol”, à “avenca delicada”. Os dois últimos, desencantos e assombrações, aos homens. Dos desencantos dos becos se destacam os pobres e as prostitutas. A estas a poeta dá maior espaço no poema. As prostitutas aparecem em três das doze estrofes, sendo a 10ª toda sobre elas.

Mulher-dama. Mulheres da vida,
perdidas,
começavam em boas casas, depois,
baixavam pra o beco.
Queriam alegria. Faziam bailaricos.
- Baile Sifilítico – era ele assim chamado.
O delegado-chefe de Polícia – brabeza –
dava em cima...
Mandavam sem dó, na peia.
No dia seguinte, coitadas,
cabeça raspada a navalha,
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,
na frente da Cadeia. (PBGEM, p. 105)

A estrofe citada acima mostra o confronto das prostitutas com a polícia e a atitude repressiva desta e denuncia os maus tratos e humilhações a que eram submetidas, além de denunciar que elas estavam sujeitas às doenças venéreas, como a sífilis. Ao mencionar “Baile Sifilítico” no poema, Cora Coralina se mostra interligada com a realidade da época que retrata, pois esta doença foi um dos grandes problemas sanitários da segunda metade do século XIX. Inclusive, conforme Sérgio Carrara (1996, p. 166), em busca de solução para o problema venéreo em nosso País, “em finais do século XIX havia os que defendiam a introdução no Brasil de um regulamento sanitário para a prostituição, [pois] as prostitutas eram consideradas as grande disseminadoras da sífilis”.

Nas outras estrofes (8ª e 11ª), a poeta revela que as prostitutas eram obrigadas a exercer a profissão clandestinamente, “Renegadas, confinadas / na sombra triste do

beco” e muitas vezes “tossindo, escarrando sangue / na umidade suja do beco”. Subentende-se que as prostitutas desprovidas do frescor da juventude acabam perdendo o lugar que tinham “em boas casas” para outras mais jovens. Mudar de vida a estas alturas era impossível. Não tendo trabalho no bordel, “baixavam pra o beco”, “perdidas” e carregadas de doenças infecciosas. Além de serem oprimidas economicamente, porque alguns clientes não pagavam pelo serviço prestado, elas eram espancadas nos becos da velha Villa Boa de Goyaz. Essa violência dos policiais tinha como finalidade a dominação, exploração e opressão. Esse tipo de ação “trata um ser humano não como sujeito, mas como uma coisa” (CHAUI, 1985, p. 35), pois, se a prostituta não é respeitada na atualidade, imaginem num tempo remoto em que a sociedade era muito mais carregada de conceitos e preconceitos sociais.

Mas as humilhações não se reduzem apenas ao aspecto físico, havia também o aspecto psicológico. Depois de presas, “cabeça raspada a navalha”, as prostitutas eram “obrigadas a capinar o Largo do Chafariz, / na frente da Cadeia”. Com a cabeça raspada, além da agressão física, claramente há a psicológica, pois expostas à população desse modo, era uma forma de marcar sua prostituição por meio de um sinal externo. Maria Amélia Azevedo (1985, p. 127) diz que “a intencionalidade da violência física masculina segue duas direções principais”: lesar a beleza feminina ou estigmatizar a mulher perante a sociedade. Seja qual for a intenção do espancador, ainda segundo a autora, “fácil se torna entender que lesões aparentes sejam uma forma de humilhar e ultrajar a mulher”, mesmo sendo aquela que lhe proporciona todos os prazeres eróticos, como as prostitutas.

Como dito antes, não é somente na poesia que Cora Coralina aborda as prostitutas dos becos de Goiás, mas também na prosa. Na obra *Estórias da casa velha da ponte*, há dois contos que retratam tão bem quanto nos poemas a mundividência de três prostitutas: Miquita (abandonada pelo marido), Minga, cujo apelido é Zóio de Prata, e a irmã dela, Dondoca, ambas solteironas.

No conto “Miquita” (ECVP², p. 45-47), Cora descreve a personagem-título como uma moça “parda. Nem preta, nem morena, nem mulata; de pele manchada. Seca, sem ancas, de pernas compridas, canela fina e jeito de boneca de pano malfeita – sem sal e desajeitada”. Casou-se, mas o marido a abandonou. Miquita decidiu vender seu corpo num quartinho do beco. Entretanto, o dinheiro que recebia mal dava para o aluguel do quartinho sujo e para sua pinga. Resolveu largar a vida de mulher-dama e “passou a carregar água, da Carioca para a casa de uns e outros”. Porém, o trabalho era “mal pago, embora sempre lhe dava sobra de almoço e de jantar, canto para dormir e um ou outro cruzeiro para cigarro e pinga – seu maior prazer”.

Miquita, aparentemente, estava satisfeita com sua nova vida, ao menos não apanhava mais dos clientes. Entretanto, certo dia ela ajudou uma senhora que estava de mudança e recebeu em pagamento “um vestido usado de arrasto, de seda ramada, uma bolsa amassada de alça comprida, um par de sapatos deformados de salto Luís XV, muita ramona, um resto de batom e cinco cruzeiros” (p. 46). Detentora de tantas preciosidades, a moça tomou mais pinga do que de costume e uma saudade apertada da vida de prostituta tomou conta dela. Assim, ela sentiu falta “do beco sujo, da macheza dos homens brutais que a espancavam” (p. 46). Imbuída por um desejo arrebatador, Miquita se arrumou com os presentes recebidos e foi parar numa gafieira, que ficava “no fundo de um bar suspeito”. Ali, embriagada, ela entrou num requebrado dengoso e esbarrou “com propósito canalha no primeiro e esclareceu” que era mulher-dama. O homem deu-lhe um empurrão e a confusão se armou. No outro dia, Miquita, escoriada, volta ao trabalho de carregadora de água, enquanto a fofoca sobre a causa de seus hematomas e ferimentos não cessava. Apesar da intervenção de uma mulher, atribuindo o estado de Miquita resultante de uma queda

² ECVP = *Estórias da casa velha da ponte*.

da “escada da Carioca com o pote de água na cabeça”, a protagonista concluiu que “muié de bem que nem eu, não pode se misturá com muié-dama”.

Através da personagem Miquita, Cora Coralina traz à tona a mulher que escolheu ser prostituta à lavadeira. A jovem, depois que foi abandonada por seu marido, tinha a alternativa de voltar para a casa da mãe lavadeira, mas “aquela vida de bater roupa nas pedras não era de gente moça”, segundo Miquita. Por outro lado, ninguém a obrigou a abrir porta no beco sujo, local este que abandonou por não ter condições de manter o aluguel. Miquita está completamente dominada pelo poder do macho, pois, mesmo sofrendo violência física, ainda tem saudades desta vida de meretrício. Segundo Maria Amélia Azevedo (1985, p. 47),

O machismo enquanto ideologia constitui um *sistema de crenças* e valores elaborado pelo homem com a finalidade de garantir sua própria supremacia através de dois artifícios básicos: afirmar a superioridade masculina e reforçar a inferioridade correlata da mulher. (Grifos da autora.)

Se de um lado Miquita ratifica a assertiva de Azevedo, as personagens do próximo conto ratificam e contestam a mesma, como veremos a seguir em “Minga, Zóio de Prata” (ECVP, p. 13-14).

Minga, de codinome Zóio de Prata³, e Dondoca são irmãs e moradoras do Beco do Calabrote, cuja residência é local do ofício de meretrizes. Diferente de outras prostitutas apresentadas em verso e em prosa por Cora Coralina, estas são respeitadas pela vizinhança, pois família “de respeito podia passar toda hora” que “não via nada”. Elas nunca capinaram a frente da delegacia, pois não foram presas, ainda. Estas solteironas são conhecidas pelos “arredores da morada-prostíbulo” como “As Cômодas”. Não se deixavam enganar por homens trapaceiros que depois

³ Este apelido é porque Minga tinha “mesmo um bugalho branco, saltado [em um olho], e era vesga do outro” (p. 13).

de utilizarem os serviços delas, recusassem a pagar. Assim, Minga e Dondoca eram “donas e autoridades do beco”. Entretanto, estas prostitutas não estavam isentas da violência física advinda do sexo oposto.

Minga atendia qualquer cliente, mas Dondoca “tinha seu homem e era pontual a ele só”. Porém, um moço cachaceiro conhecido como Izé da Bina – e amigo das irmãs – surrou Dondoca, talvez porque ela não quisesse atender aos apelos de macho do rapaz, o que resultou na “cara amassada e beijo partido” da indefesa e frágil Dondoca. Esta situação vem, também, ratificar o dito por Maria Amélia Azevedo, citado acima, pois Izé da Bina quis mostrar sua superioridade por ser homem e espancou Dondoca para afirmar a inferioridade dela enquanto mulher e, principalmente por ser prostituta, jamais poderia recusá-lo.

No entanto, a reação de Zóio de Prata ao ver a irmã naquele estado inverte a atitude naturalizada pela sociedade que, veladamente, é tolerante “para com todas as agressões de que a mulher é vítima”, como se houvesse “uma espécie de conspiração oculta que faz com que ‘a violência contra a mulher se insira no contexto normal da relação entre os sexos’ (AZEVEDO, 1985, p. 41). Zóio de Prata, sabendo que o agressor retornará para incomodar a Dondoca novamente, ordena que a irmã vá depenar um frango que trouxera do mercado e fica esperando pelo Izé da Bina, munida de um porrete. O rapaz apanhou muito de Minga, tanto de porretada quanto de corpo, e ela “quebrou as carnes” do Izé. Não parou por aí, porque depois “de ver o cabra mole, estirado, fungando, Zóio de Prata assungou a saia, abriu as pernas e mijou na cara de Izé da Bina” (p. 14).

A situação de violência se inverteu. Minga, a Zóio de Prata, tem em seu favor a embriaguez do Izé da Bina e alguns atributos físicos, tais como “mulatona encorpada”, “braço forte, mãos grandes”. O fato vem consolidar “a fama das Cômодas” e, também, concretizar a vingança em favor da Dondoca. Certamente o Izé da Bina não se atreveria agredir esta mulher-dama novamente. Mesmo que

houvesse a criminalização da violência contra a mulher à época, é certo que Minga não esperasse pela Justiça dos homens, pois era consciente da necessidade de uma intervenção imediata contra o agressor, antes que o mal crescesse e ela e Dondoca tivessem seus corpos duplamente possuídos pela supremacia do macho. Entretanto, a prostituição por si só já é uma forma de violência, conforme Zuleika Alambert (2004, p. 110). Para esta autora, a “prostituição é um estado de profunda alienação da mulher”. Ainda segundo Alambert, a prostituta é equiparada a um produto, pois sua “carne, seu corpo, se transforma em mercadoria para que seja preservada e se salve a ‘honra’ das donzelas e os homens tenham a possibilidade de satisfazer os seus instintos”.

Sendo uma das profissões mais antigas do mundo, tudo indica que a prostituição nunca acabará. Porém, para os mais crédulos e otimistas, Simone de Beauvoir (1975, vol. 2, p. 334) fez uma profecia sobre o que levaria ao fim da prostituição: “Para que a prostituição desapareça, são necessárias duas condições: que uma profissão decente seja assegurada a todas as mulheres; que os costumes não oponham nenhum obstáculo à liberdade do amor”. A compreensão que Beauvoir tem de prostituição é limitada ao contexto em que viveu e não poderia ser diferente. Entretanto, as questões são mais complexas, assim como o imaginário masculino e feminino em relação à prostituição nos dias coevos. Não se pode ignorar que muitas mulheres se prostituem, além de necessitarem do dinheiro, porque gostam dessa prática como meio de sobrevivência, caso em que insiro Miquita, que depois de abandonar o ofício, sentiu saudades da vida nada fácil de outrora e só não retornou porque não fora aceita no *milieu*⁴ da prostituição.

⁴ Meio.

3. Conclusão

Cora Coralina, pelo recorte privilegiado neste artigo, apresenta uma gama diversificada de prostitutas dos idos do final do século XIX/início do XX na velha Goiás. Acompanhando o percurso das personagens em verso e em prosa traçado pela poeta, fica subentendido que as mulheres que não se enquadrassem no estereótipo a elas determinado pela sociedade patriarcal, compunham o grupo das marginalizadas e excluídas, tão bem assimiladas pela voz da poeta que retratou alguns aspectos do *modus vivendi* de algumas destas mulheres. Dentre os estereotípicos, infiro, ser casada e todas as implicações desta condição eram o objetivo final da trajetória da mulher-matrimônio.

Implicitamente, o casamento na época abrangida era a única razão da mulher ter vindo ao mundo. Portanto, manter a virgindade, assumir afazeres domésticos, comportar-se como um anjo e se fazer passiva faziam parte das normas de educação feminina dadas às moças naquela época. Apesar de esse destino estar traçado, muitas moças não se casavam: por serem prostitutas ou porque eram obrigadas a cumprir a velha "Lei de Goiás", permanecendo-se solteironas e celibatárias para cuidar dos pais, já velhos, ou mesmo por serem desprovidas de beleza, condição última retratada por Cora Coralina em um de seus poemas.

Tanto na condição de casada ou de solteirona quanto na de prostituta, era negado à mulher daquela época a liberdade e o livre arbítrio para conduzir o próprio destino, pois a "solteirona era prisioneira da sua castidade, enquanto a prostituta fazia da prática sexual meio de vida e [suposto] exercício da liberdade, embora seu corpo – assim como a da mulher casada – já não lhe pertencesse mais" (MAIA, 2007, p. 259).

4. Referências

ALAMBERT, Zuleika. *A história da mulher. A mulher na história*. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira / FAP; Abaré, 2004.

AZEVEDO, Maria Amélia. *Mulheres espancadas: a violência denunciada*. São Paulo: Cortez, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Vol2; trad. Sérgio Milliet. São Paulo: DIFEL, 1975.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*; trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus: a luta contra sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. In: *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (4).

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 17. ed. São Paulo: Global, 1993.

_____. *Meu livro de cordel*. 6.ed. São Paulo: Global, 1994.

_____. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 4. ed. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1987.

_____. *Estórias da casa velha da ponte*. 7. ed. São Paulo: Global, 1994.

DINIZ, Maria Ilidiana. Os determinantes que invisibilizam a violência contra a mulher no contexto da prostituição. In: *Fazendo gênero 8 - corpo, violência e poder*. Florianópolis, ag./2008. Disponível em www.fazendogenero.ufsc.br. Acesso em: 3 dez 2014.

FERNANDES, José. *Dimensões da Literatura Goiana*. Goiânia: Gráfica de Goiás - CERNE, 1992.

MAIA, Claudia de Jesus. *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral - Minas Gerais (1890-1948)*, 2007. 309 p. Tese (Doutorado em História). ICH. Programa de Pós-Graduação em História - PPGHIS. Universidade de Brasília, Brasília.